

2

A Pesquisa: Por entre nós e laços da rede

2.1

Um olhar sobre a trilha – Pressupostos teóricos

Este capítulo apresenta a forma como este estudo foi elaborado. Aborda os referenciais teóricos que serão aprofundados nos capítulos seguintes, apresenta o campo teórico-metodológico a partir da perspectiva da pesquisa qualitativa, apresenta os recortes da pesquisa e as escolhas metodológicas. Assim, buscou-se traçar os caminhos que nos permitiram analisar os dados recolhidos para a elaboração desta investigação.

Torna-se importante abordar a discussão teórico metodológica uma vez que numa pesquisa deste tipo, de base qualitativa, falar de um método único ou mesmo uma metodologia particular que dê conta de tantas distintas realidades é algo que não cabe, dada a complexidade e a dinâmica do tema escolhido. Assim, a abordagem metodológica de uma investigação nesta área deve ser aberta à descoberta, à elaboração que se processa a medida em que o pesquisador se depara e se embrenha pelos meandros de suas indagações e de si próprio.

Entende-se que o estudo analisa um recorte parcial da realidade, num dado momento, e como uma fotografia, pode apenas pinçar elementos desta realidade e utilizar estes dados para subsidiar a construção de um entendimento, dentre outros possíveis, acerca do momento e do fenômeno que estão sendo estudados. Há portanto, um movimento intenso, um dinamismo no qual se propõe interagir neste trabalho.

A proposta metodológica aqui apresentada segue a orientação qualitativa. A escolha desta abordagem depende da imersão do pesquisador no contexto de seu objeto, a fim de possibilitar ao mesmo a visualização da perspectiva interpretativa de condução da pesquisa, conforme defendem Kaplan e Duchon, (1988).

Em outras palavras, o campo da análise qualitativa de dados é um tipo de pesquisa na qual o pesquisador é também um “interpretador da realidade” conforme indica Bradley, (1993). Portanto, é importante para o pesquisador que

faz esta opção, imergir no universo de significações que emanam do objeto de suas indagações.

No caso das pesquisas em EA, Pedrini, (2007) destaca a importância desta abordagem na produção de conhecimento no setor. A linha qualitativa tem sido muito útil, segundo Pedrini (2007). Isto se deve em função de três aspectos, para o autor:

“O primeiro é de que os dados qualitativos permitem apreender o caráter complexo e multidimensional dos fenômenos. O segundo é o de que os dados qualitativos capturam variados significados das experiências vividas no ambiente, auxiliando a compreensão das relações entre as pessoas, seu contexto e suas ações. O terceiro é a sua capacidade de contribuir para a pesquisa de construtos importantes como criatividade e pensamento crítico. Estes, de difícil quantificação, podem ser desprezados nas investigações.” (p.31).

Neste sentido, a pesquisa aqui proposta que visa entender o processo de institucionalização da EA no Brasil, através dos movimentos, tensões, afastamentos e aproximações entre seus protagonistas, possui um foco de abordagem sobre significados, experiências e relações entre pessoas em seu contexto e cuja análise qualitativa encaixa-se e justifica-se por permitir uma melhor apreensão dos fenômenos observados.

Além deste aspecto, a investigação de cunho qualitativo, de um modo geral, deve apoiar-se em uma sólida pesquisa bibliográfica. O embasamento teórico permite a triangulação com dados coletados em fontes documentais e/ou depoimentos, a fim de possibilitar a interpretação dos dados empíricos. Neste sentido, cabe ressaltar a importância desta etapa destacada por Pedrini (2007, p.26).

Portanto, a fase de coleta de dados torna-se estrategicamente importante. Vale apontar o fato de que a coleta deve seguir procedimentos que designem uma amostra homogênea. No caso desta investigação, realizou-se tanto pesquisa bibliográfica, quanto coleta de dados de fontes documentais, além de depoimentos de informantes selecionados de acordo com o escopo e os critérios da pesquisa que serão explicados adiante.

Por amostra de dados homogêneos, entende-se que o universo dos entrevistados ou depoentes é recortado a partir de critérios definidos de forma coerente com o objeto da investigação, compondo assim um *corpus amostral*, que permita inferir interpretações coerentes com o recorte teórico proposto na

pesquisa. Portanto, a amostra documental e os depoimentos devem ser construídos a partir de um recorte teórico – metodológico que possibilite a sua análise qualitativa, demonstrando o entendimento do contexto social e cultural do fenômeno estudado.

Tal aspecto traz em si uma necessária reflexão sobre as dificuldades inerentes ao desenvolvimento de um estudo com temas tão plurais e complexos como os que podem emergir do campo da EA, o que por sua vez, pode trazer questionamentos instigantes que exigem reflexões sobre a questão metodológica. Isso aponta para a multiplicidade de caminhos e escolhas do pesquisador na relação com o seu objeto de estudo. Caminhar na pesquisa metodológica, muitas vezes é situar-se em sua própria subjetividade de pesquisador e entender a necessidade de um distanciamento de pesquisa a fim de permitir a compreensão e interpretação dos dados empíricos de forma mais isenta possível.

Portanto, assume-se aqui a imersão do pesquisador no campo da pesquisa entre educadores ambientais. O objetivo foi a busca da resposta a questões particulares colocadas em um nível de realidade que não pôde ser quantitativo, já que se trabalhou com um universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes que correspondem a um espaço profundo das relações que não podem ser reduzidas a operacionalização de variáveis, conforme Minayo (1996), costuma justificar as suas escolhas de pesquisa na linha da abordagem qualitativa.

A investigação aqui apresentada procurou tratar do fenômeno da institucionalização entendido como sendo: *“processo pelo qual se formam padrões de interação e organização social baseados em comportamentos, normas e valores formalizados e legitimados”* (Silva, 1986, p.611). Assim, serve ao propósito de estabelecimento social, definição de papéis sociais e de códigos de conduta que definam comportamentos socialmente estabelecidos e definidos. A institucionalização social é, portanto:

“Um processo constante que não só resulta da formação de novas instituições, mas ocorre potencialmente dentro de instituições existentes que se transformam em outras, ou ampliam sua área de vigência e validade. Esse processo só é limitado pelos próprios limites de variabilidade dos vários sistemas e subsistemas sociais e pelas peculiaridades da cultura. É o que torna o comportamento social previsível definindo tudo o que pode ser objeto de expectativa e é considerado legítimo no desempenho de papéis sociais específicos” (Silva, op.cit, p.611).

Portanto, a pesquisa se propõe entender como este fenômeno no campo da EA, assumindo o fato que a EA surge com uma dupla origem, tanto nas instituições científicas quanto nos movimentos sociais nos anos 60 e passa a assumir espaços sociais que vão sendo aos poucos consolidados nas décadas seguintes no mundo e chegam ao Brasil com forte presença, a ponto de, a partir dos anos 90, institucionalizar e formalizar a EA no país na forma da Lei 979, de 27 de abril de 1999, sendo regulamentada pelo Decreto 4281, de 2002.

Neste sentido, a perspectiva da análise do processo de institucionalização no campo da EA se justifica, pois além de existirem poucos estudos no campo das políticas em EA (Layrargues, 2002, Pedrini, 2002, entre outros), também procura relacionar os diferentes atores envolvidos, em especial a Rede Brasileira de Educação Ambiental, a REBEA, e os entes governamentais federais, no processo de consolidação da EA nacional, a partir das tensões, aproximações e afastamentos entre os mesmos.

Para proceder nesta linha, esta investigação aborda e analisa o processo histórico-político da EA no contexto contemporâneo, procurando situá-la como um movimento coadunado e coerente com características dos chamados “novos movimentos sociais” tal como defende Santos (2005) Assim:

“esses novos movimentos sociais (NMSs) representam a afirmação da subjetividade perante a cidadania. As lutas se traduzem em formas organizativas (democracia participativa) diferentes das lutas pela cidadania (democracia representativa). São grupos sociais com contornos mais ou menos definidos em vista de interesses coletivos por vezes muito localizados. Os NMSS ocorrem privilegiadamente no marco da sociedade civil e não no marco do Estado e, em relação ao Estado, mantêm uma distância calculada, simétrica da que mantêm em relação aos partidos e aos sindicatos. A novidade desses movimentos está no alargamento que promovem do campo político para além do marco liberal da distinção Estado e Sociedade Civil. Os NMSs trazem, assim, tentativas de resgatar a emancipação, além de se procurar o necessário equilíbrio entre subjetividade e cidadania. Uma tentativa de resgate do princípio da comunidade de Rousseau.”¹.

Partindo deste universo, analisam-se documentos históricos produzidos pelos educadores ambientais em encontros nacionais e comunicações formais dos órgãos governamentais, além de entrevistas com protagonistas do processo de

¹ Trecho da resenha de Raw, Raquel. In: http://www.abordo.com.br/sat/res05_raquel.htm consultado em 12/01/08.

institucionalização da EA nas estruturas de governo.

2.2

O corpus da pesquisa – Pressupostos Metodológicos

Partindo da premissa acima, buscamos a fundamentação metodológica mais adequada a um estudo como o nosso. Dividimos o encaminhamento metodológico em etapas, a primeira parte do trabalho baseou-se em pesquisa bibliográfica sobre a trajetória histórica da EA no mundo e no Brasil, correlacionando-a com as transformações do pensamento e do movimento ambientalista. Para esta etapa do trabalho utilizou-se pesquisa bibliográfica no campo da EA, bem como se realizou análise de documentos elaborados nas principais reuniões de educadores ambientais brasileiros que produziram registros documentais. Estes documentos foram:

- A Carta de Itajaí, 2005;
- A Carta de Goiânia ou Carta Brasileira para Educação Ambiental, 2004;
- A Carta de Brasília, 1997.

Em seguida foi necessário listar e coletar os documentos produzidos pelos fóruns de EA realizados pela REBEA, bem como as edições da Revista Brasileira de EA. Este trabalho foi realizado através de consultas ao sítio da internet da REBEA e de visita à direção executiva. Estes documentos foram utilizados para auxiliar na análise dos depoimentos e construir as categorias de análise das falas dos depoentes.

Realizou-se também coleta de dados sobre os projetos oficiais, coletados através do sítio governamental (www.mma.gov.br e www.mec.gov.br). Assim, recolheram-se os materiais disponíveis sobre os passos da EA brasileira.

Portanto, organizando nosso estudo, o processo desta investigação consistiu em três etapas: a primeira, uma revisão bibliográfica, que por sua vez, ajudou a evidenciar a construção histórica dos conceitos de educação ambiental e de seu processo de institucionalização. Em segundo lugar, realizou-se uma coleta e análise de documentos produzidos pela REBEA e pelo governo no período de 2003 a 2007. E por fim, realizaram-se entrevistas com atores envolvidos de diferentes formas na institucionalização da EA brasileira.

As entrevistas foram do tipo semi – estruturadas segundo Thiollent (1987), e sobre as quais nos debruçaremos um pouco mais adiante tecendo considerações sobre esta prática de investigação.

As entrevistas são uma estratégia de coleta de dados muito utilizadas em pesquisa qualitativa, de acordo com Triviños (1987):

“Entrevista semi-estruturada é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, junto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante. Desta maneira o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa”.(p.54).

As entrevistas foram aplicadas a dois grupos de sujeitos: entrevistados governamentais (EG) e entrevistados da REBEA (ER). Este segundo grupo foi dividido entre membros integrantes da atual direção executiva e seus apoiadores (ERP) e membros divergentes da atual direção executiva (ERO). A escolha destes grupos se baseia no recorte teórico da pesquisa que visa analisar a participação e influência da REBEA no processo de institucionalização da EA brasileira, portanto foi importante recolher informações de sujeitos que atuam tanto no setor governamental, oficial, quanto no setor não governamental, representados pela REBEA. Neste segmento, foi necessário subdividi-los entre os membros e colaboradores da atual secretaria executiva e os opositores deste grupo, componentes da secretaria executiva anterior.

Os atores governamentais entrevistados fazem parte do Órgão Gestor da Política Nacional de EA, e constituem-se de membros da DEA (Diretoria de Educação Ambiental) do MMA e da CGEA (Coordenadoria Geral de Educação Ambiental) do MEC. Como atuam de forma integrada não foi feita distinção destes setores no *corpus* amostral da pesquisa.

A divisão dos educadores da REBEA se fez necessária ao ficar claro ao longo da pesquisa bibliográfica e de pré-entrevistas realizadas na ocasião do mapeamento do campo de investigação, que estávamos situados em um momento de tensões, em um campo tensionado, embora aparentemente parecesse haver um consenso, conforme pudemos debater no capítulo 2 e retomaremos no capítulo seguinte, onde procederemos as análises do material coletado, procurando mostrar tais considerações tecidas neste momento.

Os sujeitos informantes da pesquisa constituíram-se, portanto, de 13 educadores ambientais sendo 3 do governo (EG), e 10 da REBEA, 6 membros integrantes da direção executiva e seus apoiadores e 4 membros da ala opositora (ERO) num total de 13 sujeitos da pesquisa.

A opção de analisar o processo de institucionalização da EA brasileira é relevante para o conhecimento da EA, pois esta é uma área que ainda carece de estudos, embora possamos identificar alguns esforços nesta direção, como podemos destacar os trabalhos sobre as ações resultantes das políticas públicas de EA, e mesmo o processo de institucionalização da EA, (Layrargues, 2002 Lima, 2006; Tozini-Reis, 2004; Loureiro, 2003, Pedrini, 2007, Tamaio 2007), no entanto ainda são poucos os estudos mais aprofundados que destacam as tensões entre os diferentes atores no processo de institucionalização da EA brasileira.

2.3

Considerações sobre as entrevistas

Por possuir um foco no indivíduo – sujeito da produção do conhecimento, a técnica de entrevista em pesquisa qualitativa se situa em meio a importantes discussões epistemológicas que não são nosso interesse no momento. É, no entanto, imprescindível para nós aqui, alertar sobre a complexidade do tema que por hora resumimos a fim de buscar uma compartimentalização necessária para prosseguir na pesquisa.

Para Birman (1991), que discutiu este aspecto em artigo publicado numa revista especializada na área de saúde pública, a importância do sujeito compreendido numa perspectiva mais ampla afirma:

“reconhecer no registro epistemológico a posição do sujeito na produção do objeto teórico é afirmar, ao mesmo tempo de interpretação do real, que a interpretação é constitutiva da objetividade científica” (p.15).

A este respeito Amorim (1996) se deteve longamente propondo uma perspectiva alteritária e dialógica na construção do conhecimento nas ciências humanas. A questão implica que a abordagem qualitativa obriga à rediscussão do estatuto da interpretação na atividade científica, onde há uma latente influência da subjetividade na produção do conhecimento.

Portanto, a construção de conhecimentos aqui pretendida se faz nessa dimensão coletiva, a partir da perspectiva da intersubjetividade presente no contato alteritário e dialógico com os entrevistados. É por este motivo que Wagner (1995), faz a seguinte colocação:

“Ao definir um procedimento para medir qualquer processo em ciências sociais, o pesquisador também define em que nível o fenômeno em questão será mapeado. De certa forma, a medição implica em uma determinação ontológica do processo que se está tentando apreender. Quer dizer, a decisão sobre o método, em uma investigação empírica, determina que espectro do fenômeno pode aparecer como real, ou aparece como real. A decisão metodológica é, portanto, e necessariamente, também uma decisão ontológica, porque as coisas se mostram como realidade somente quando interagimos com elas. E em ciências sociais, a mediação constitui uma parte do processo de interação com o objeto do qual tentamos nos aproximar. É claro, portanto, que estamos assumindo uma posição construtivista em relação a procedimentos metodológicos” (p.154).

A observação de Wagner a respeito do caráter construtivista da produção de conhecimento em ciências sociais permite-nos pensar que este processo se dá em mão dupla. Quer dizer, acontece tanto um recorte do pesquisador sobre o fenômeno e o real que busca apreender e assim ele modifica este real, como também o inverso. Ou seja, a realidade recortada também faz as seleções no pesquisador, ele mesmo é profundamente modificado por seu objeto que agora é parte dele.

Partindo para considerações mais práticas, no âmbito qualitativo a pesquisa foi realizada utilizando-se como instrumento uma entrevista do tipo semi – estruturada, ou semidirigida como sugerem Thiollent (1987) e Minayo (*op. cit.*), que se constitui de um roteiro de entrevista e onde o entrevistado pode falar livremente a partir de uma questão previamente formulada para o instrumento da pesquisa. O roteiro não pretende ser estático, ao contrário, ele na verdade apenas auxilia na composição do cenário discursivo das entrevistas, permitindo ao entrevistador se guiar por entre as questões que ele considera como fundamentais para erigir seu trabalho.

Aqui encontramos um elemento arbitrário e subjetivo da pesquisa que deve ser levado em consideração: a escolha das questões do roteiro. Por mais que estas sigam orientações metodológicas, são questões definidas *a priori*, desta forma é um *lócus* onde estarão presentes elementos da subjetividade do

entrevistador. Da mesma forma, a ordenação das questões, apesar de não obedecer a nenhuma hierarquia rígida, acaba por conduzir o entrevistado por um determinado caminho o que pode acarretar em desvios do objetivo inicial da investigação, redundâncias, ou permitir que se revelem elementos novos e inesperados. De qualquer forma, é um momento crítico e deve ser considerado.

Pesquisas qualitativas seguidamente trabalham com análise de informações apresentadas em forma de textos. Para a exploração dos documentos escritos, a pesquisa utilizou uma parte do conceito metodológico denominado “análise textual qualitativa” definida por Moraes (2005) como:

“um processo integrado de análise e de síntese, que se propõe a fazer uma leitura rigorosa e aprofundada de conjunto de materiais textuais, visando descrevê-los e interpretá-los no sentido de atingir uma compreensão mais elaborada dos fenômenos e dos discursos no interior dos quais foi produzido” (Moraes, 2005, p. 89).

Segundo essa proposta, que o autor descreve como do campo das abordagens qualitativas, os textos obtidos representam uma multiplicidade de vozes marcadas pela subjetividade e modos de interpretação e compreensão de todos os sujeitos envolvidos em sua produção, assim como de outros sujeitos discursivos e culturais. O pesquisador, mesmo fazendo a sua leitura sempre a partir de seus próprios referenciais, tem de estar consciente de que nesta análise estará interpretando o conjunto de vozes expressas nos textos. Outro aspecto da análise textual qualitativa é a possibilidade de participar na reconstrução dos discursos em que pesquisador e sujeitos da pesquisa se inserem (Moraes, 2005).

Para este estudo, a subjetividade é compreendida como processos sócio-históricos nos quais se produzem modos de ser e de entender relativos a um sujeito humano em permanente abertura e troca reflexiva com o mundo em que vive, e não como formações acabadas, cristalizadas ou estáticas. Portanto, um conceito dinâmico que concebe o sujeito como resultado do entrecruzamento do ser singular, individual e sua natureza social, histórica, constituído na relação com os outros e com o outro da cultura (Sawaia, 2001;Carvalho, 2005).

Para Rosa (2006):

“a entrevista é uma ferramenta imprescindível para se trabalhar buscando-se contextualizar o comportamento dos sujeitos, fazendo a sua vinculação com os sentimentos, crenças e valores e permitindo, sobretudo, que se obtenham dados sobre o passado recente ou longínquo, de maneira explícita, porém tranqüila, e em comunhão com o seu entrevistador, que deverá, inicialmente,

transmitir atitudes que se transformem em transferência e troca mútua de confiabilidade.” (Rosa, 2006, p. 16).

2.4

Os procedimentos da pesquisa

Foram realizadas treze entrevistas que se realizaram em tempo variado em função de cada entrevistado, com duração média entre uma hora e meia e duas horas de conversa, ora informais, ora mais orientadas pelo roteiro de questões previamente elaboradas a fim de atender os objetivos da investigação. Para deixar os entrevistados mais a vontade, as entrevistas foram realizadas em local e horário acordados e escolhidos previamente pelos entrevistados, o que facilitou a aproximação junto aos mesmos. Algumas entrevistas (seis no total) foram realizadas por telefone, usando em três dos casos, a comunicação através do programa *SKYPE* que permite a utilização de conversa a distância através do internet e do computador.

A partir do material coletado, procedeu-se em seguida, à documentação deste material através de transcrição para, a partir daí, dar início à análise do mesmo, o que foi feito através da análise de conteúdo segundo Bardin, (1977) de onde por fim, partiu-se em direção à análise das linhas de representações do grupo entrevistado.

O material foi coletado com auxílio de gravador (MP4), sendo logo em seguida transcritas as entrevistas, o que facilitou e agilizou a documentação do material coletado a fim de encaminhá-lo à análise. Além do material coletado por gravador, foram recolhidos dados com caderno de campo com anotações sobre detalhes do contexto da entrevista ou observações realizadas sobre elementos do discurso considerados relevantes para análise, tais como aspectos do local de entrevista e comportamento dos entrevistados diante das diferentes questões.

A partir do material coletado e documentado procedeu-se à leitura exhaustiva do material transcrito, recolhendo-se informações e sistematizando o material de forma inicial para, em seguida, proceder à análise de conteúdo segundo Bardin (1977), onde se seguindo às leituras flutuantes dos discursos coletados, pode-se detectar a presença de categorias analíticas as quais nos deteremos a seguir. A análise de conteúdo, segundo a autora é uma metodologia que permite:

“Uma interpretação quantitativa e qualitativa sobre os variados tipos de mensagens... a partir de um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores, (qualitativos ou não), que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção – recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (p.42).

Seguindo a mesma autora, a técnica mais adequada para nossa investigação é a análise categorial, a qual foi usada para análise do material, após a leitura dos documentos, da mesma forma, aqui se segue à orientação de Sá (1998), que nos coloca a seguinte observação:

“A prática articulada mais comum – quase o ‘Romeu e Julieta’ combina a coleta de dados através de entrevistas individuais com a técnica para seu tratamento conhecida como ‘análise de conteúdo’. Passada que tem sido, sistematicamente, de orientador para orientando já há mais de dez anos.” (p.86).

As entrevistas transcritas foram passadas para o *software* Atlas.ti que permite o recorte das falas e a seleção de categorias hermenêuticas. As unidades de contexto, como o *software* designa estes trechos de falas, são elementos extremamente facilitadores do processo analítico. Portanto, o Atlas. ti foi utilizado para facilitar o recorte de trechos de depoimentos que posteriormente, foram utilizados como referencias para a análise destes mesmos depoimentos.

O roteiro das questões de entrevista foi o seguinte:

- 1) Dados pessoais e atuação profissional,
- 2) Quais os caminhos profissionais que conduziram os educadores até o lugar que ocupam, ou seja, como o educador se engajou na Educação Ambiental, sua trajetória pessoal e profissional, a fim de compreender a trajetória de envolvimento com a questão ambiental.
- 3) O que o educador entende por Educação Ambiental e como ele atua em EA

- 4) O que o educador espera de seu trabalho, qual é o fruto de seu trabalho, como ele percebe a inserção de seu trabalho tanto no governo quanto na REBEA
- 5) Como identifica as relações entre REBEA/ governo federal?
- 6) Quais são os principais acertos e erros dos passos da EA em âmbito governamental
- 7) Como se relaciona com a REBEA? Como percebe a organização em rede? Como viu e participou dos eventos de EA? Sobre tudo da constituição dos marcos legais?
- 8) O que significa a organização em rede? Quais os problemas e/ou soluções que o educador identifica a partir de seu trabalho e na Educação Ambiental de um modo geral.
- 9) Como o educador observa a trajetória da Educação Ambiental
- 10) Como o educador observa a Educação no contexto político nacional
- 11) Quais os principais movimentos de apoio ou retrocesso a EA
- 12) Como a EA brasileira se situa no contexto internacional